

Texto de apresentação do segundo dia de encontros: *política e performance* – angústias e provocações

por Alexandre Falcão de Araújo²⁶

À mesa, para conversar sobre procedimentos performáticos nas encenações contemporâneas, Nelson Baskerville (Companhia Mungunzá), Leonardo Moreira (Companhia Hiato), José Fernando de Azevedo (Teatro de Narradores), Thiago Vasconcelos (Companhia Antropofágica) e Georgette Fadel (Companhia São Jorge de Variedades), todos diretores vindos do teatro de grupo paulistano. A mesa contou ainda com a participação especial da atriz polonesa Ludmila Ryba, ex-integrante da Cricot 2 de Teatro, de Tadeusz Kantor.

Todos os diretores expuseram várias dúvidas e provocações que instauraram emoções e silêncios diversos. Neste sucinto texto, destaco dúvidas, questões não respondidas, campo de tensões dialéticas.

A partir da experiência dos espetáculos *Cidade desmanche* e *Cidade fim. Cidade coro. Cidade Reverso*, José Fernando contou que, no trabalho do Teatro de Narradores, a performatividade surgiu da necessidade de o grupo falar de si próprio, de sua própria trajetória, sem esconder os traumas do caminho, expondo o processo contraditório de busca de criação de vínculos e “alguma aliança” entre artistas e público. Durante o debate, ele questionou a importância dada à *performance*, destacando sua origem na matriz política e ideológica norte-americana e na filosofia pragmática. Por fim, lançou a provocação-desafio de irmos além da performatividade e criarmos outras formas de ação que combatam o esvaziamento da esfera política e caminhem em direção ao que seria uma dimensão pública do teatro.

Georgette Fadel, de forma honesta, falou do processo do espetáculo *Barafonda* e dos riscos de se fazer um espetáculo mágico, sem força política, algo que funcione como uma animação de rua, que contribua para a valorização imobiliária da região da Barra Funda e acabe por expulsar o grupo de lá. *Barafonda* tem a intenção de criar um rasgo na cidade. O grupo risca o chão e se posiciona, mas ainda há muita incerteza em relação a isso. Como a atuação cênica, inclusive no que tange à performatividade, pode deixar de ser apenas perfumaria no solo da cidade-mercadoria?, pergunta Fadel.

²⁶ Ator, educador e pesquisador. Cursa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IA-Unesp) e integra o coletivo Aliança Libertária Meio Ambiente (Alma).

Thiago Vasconcelos trouxe a intervenção cênica de rua *Karroça antropofágica* como exemplo da performatividade na cena contemporânea, em diálogo consciente com o teatro de revista, o *agit-prop* e as vanguardas modernistas. Falou sobre a experiência do grupo ao realizar um jantar público na Praça Ramos de Azevedo, que contou com a participação não planejada dos moradores de rua, cujo comportamento cotidiano tornou-se uma *performance* que a todos estranhava. Por último, o diretor afirmou que parte das perguntas referentes à busca de uma dimensão pública do teatro pode ser respondida na práxis junto aos movimentos sociais.